



## DJUMBAI CRIATIVO: LOURENÇO CARDOSO E A BRANQUITUDE CRÍTICA E ACRÍTICA

*Justino Gomes<sup>1</sup>*

*Universidade Estadual do Ceará, UECE, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,  
Fortaleza, CE, Brasil.*

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de apresentar as duas categorias de branquitude (crítica e acrítica) a partir dos estudos do Lourenço Cardoso. A branquitude como manifestação racista atravessa as relações sociais não só no Brasil, mas em todas as partes do mundo em que os dualismos: branco/negro; puro/impuro; civilizado/bárbaro; original/artificial... dominam as relações raciais que envolvem sujeitos ocidentais e não ocidentais. É um trabalho de tipo bibliográfico e abordagem qualitativa que se assenta, fundamentalmente, em apresentar as leituras do Cardoso sobre a branquitude, com o propósito de contribuir na luta contra o racismo, paralelamente a isso, propor relações raciais mais humanas.

**Palavras-Chave:** Branquitude; Racismo; Negro; Branco.

## CREATIVE FUN: LOURENÇO CARDOSO AND CRITICAL AND UNCRITICAL WHITENESS

**Abstract:** This work aims to present the two categories of whiteness (critical and uncritical) from the studies of Lourenço Cardoso. Whiteness as a racist manifestation crosses social relations not only in Brazil but in all parts of the world where dualisms: but in all parts of the world where dualisms: white/black; pure/impure; civilized/barbarian; original/artificial... dominate race relations that involve western and non-western subjects. It is a bibliographic type of work with a qualitative approach that is fundamentally based on presenting Cardoso's readings on whiteness, with the purpose of contributing to the fight against racism, and at the same time, proposing more humane racial relations.

**Keywords:** Whiteness; Racism; Black; White.

## DIVERTIDA CRIATIVO: LOURENÇO CARDOSO Y LA BLANCA CRÍTICA Y NO CRÍTICA

---

<sup>1</sup> Bacharel em Humanidades e licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e mestrando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [justinogomes6@gmail.com](mailto:justinogomes6@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2017-8140>



**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo presentar las dos categorías de blancura (crítica y acrítica) a partir de los estudios de Lourenço Cardoso. La blanquitud como manifestación racista atraviesa las relaciones sociales no sólo en Brasil, sino en todas partes del mundo donde los dualismos: blanco/negro; puro/impuro; civilizado/bárbaro; original/artificial... dominan las relaciones raciales que involucran sujetos occidentales y no occidentales. Se trata de un trabajo de tipo bibliográfico con enfoque cualitativo que se basa fundamentalmente en presentar las lecturas de Cardoso sobre la blanquitud, con el propósito de contribuir a la lucha contra el racismo, a la vez que propone relaciones raciales más humanas.

**Palabras-clave:** Blancura; Racismo; Negro; Blanco.

### AMUSEMENT CRÉATIF: LOURENÇO CARDOSO ET LA BLANCHEUR CRITIQUE ET UNCRITIQUÉ

**Résumé:** Ce travail vise à présenter les deux catégories de blancheur (critique et non critique) issues des études de Lourenço Cardoso. La blancheur comme manifestation raciste traverse les relations sociales non seulement au Brésil, mais dans toutes les parties du monde où les dualismes : blanc/noir ; pur/impur ; civilisé/barbare ; original/artificiel... dominant les relations raciales qui impliquent des sujets occidentaux et non occidentaux. Il s'agit d'un travail de type bibliographique avec une approche qualitative qui repose fondamentalement sur la présentation des lectures de Cardoso sur la blancheur, dans le but de contribuer à la lutte contre le racisme, tout en proposant des relations raciales plus humaines.

**Mots-clés:** Blancheur ; Racism; Noir; Blanc.

### DESMISTIFICANDO BRANQUITUDE CRÍTICA E ACRÍTICA EM LOURENÇO CARDOSO

Nas suas encruzilhadas letras, comprovantes da sua argúcia de discernimento das problemáticas da branquitude, ingerimos a sua vontade de convocar a turba para remexer a totalidade. Por que a unidade constituinte, isoladamente, não satisfaz o miolo do assunto. Tal como o sociólogo alemão Norbert Elias<sup>2</sup> já refutava nervosamente o atomismo dos físicos, o individualismo dos biólogos e psicólogos, assim como o holismo dos físicos críticos da teoria aristotélica da física. Na recusa desse mapeamento frouxo da realidade da natureza, que muitos insistem em propor ao campo social, Elias insufla a consideração da interdependência entre os indivíduos, neste caso, entre as partes constituintes da totalidade. Além da interdependência, a interação e as relações opacas

---

<sup>2</sup> NORBERT, Elias. Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70 LDA, 2008.



que as partes estabelecem no equilíbrio do poder devem ser contornadas para que a sagacidade da análise seja viva.

Mas o que Elias tem a ver com o Cardoso, Justino? Boa pergunta. Se aceitarmos que o racismo existe só quando duas ou mais “raças” interagem entre si; se admitirmos que os preconceitos carregados desgostosamente pelas cores diferentes (preta, branca, amarela etc.) conturbam a convivência humana; então, não nos devemos encaracolar no simplório de acomodar que isso não seja o conflito advento das interações sociais entre as partes envolventes (pessoas de cores ou raças distintas, porém conflitantes). Aí, sim, encontramos-nos, nas entranhas das teorias sociológicas, o enfileiramento metodológico do Cardoso nos interstícios do Norbert Elias.

E não só, a brisa embasa a teia analítica do crítico pós-colonial francês, Albert Memmi (1989) que, há um ano atrás, o nosso paladar aprova a delícia da sua obra citada pelo Cardoso: *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*”. Aliás, o próprio Cardoso já peneirou o equívoco que possa aparecer ao leitor terceiro quanto a isto. Ao iluminar pelas letras sadias que o Memmi já havia esfacelado a tradição fastidiosa de analisar apenas uma parte, neste caso, o negro e deixando o branco a perambular na rua como se fosse isento dos vírus enfeitantes da paisagem amarga que o racismo tece.

Ao voltarmos a apregoar os nossos binóculos no texto do Cardoso, enfileiramos na relação do branco e o preto na efervescente luta pela expressão do que seria o problema, a quem pertencia, e de quem depende. *Ampus*<sup>3</sup>, o problema do racismo, vozeou, Cardoso, era visto exclusivamente do negro. Isso, os pesquisadores brancos insônias na luta pela explicação, não se angustiam em pregar nos seus textos engordecidos pela distorção do miolo do assunto em causa. Não obstante, o grito da trombeta soltado pelas almas precursoras e aspirantes – W.E.B. Du Bois, Frantz Omar Fanon, Steve Biko, Albert Memmi etc. – na perfuração da tampa protetora do miolo do assunto racial, de relação do colonizado e colonizador, do branco e negro... despedaçou o véu protetor das inverdades e demonstrou que o problema não é apenas do negro, mas sim dele e do branco. Isto, o Cardoso reiterou nas suas tintas iniciais que os acadêmicos convencionam denominar de introdução. Repetimos, reiterou, porque o Fanon, Memmi e outros já se deslaçam neste ancoradouro da outra margem do rio racial.

---

<sup>3</sup> Da língua guineense “criolo” é uma interjeição exclamativa.



Ah, Justino, mas tu estás a ser muito desgastante e indireto no resumo que poderia ser simples, objetivo e curtinho. Deixe de alongar com essas suas manias de enrolar na apresentação do cerne do texto do seu querido professor Lourenço Cardoso, intitulado *Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista*. Vá direto e nos tire debaixo destas silhuetas dos embondeiros que cada vez mais engolem-se no desaparecimento. Porque cansados estão de assistir sufocadamente a crueldade do racismo no mundo.

Deixo-te estender na pressa do capitalismo. Vocês brancos ocidentais sempre são assim. Não têm tempo para nada. Sempre é atrás do *cumbo*<sup>4</sup>. *Time is money*. Porém, nós daqui, das terras das estórias, que os corajosos navegantes atiraram bombas contra ela, acima de tudo, lutaram para selar a boca de contar, na astúcia de negar que aquilo era bom. Carimbando-o com o mais negativo carimbo, não tinha espaço no meio público-social, nos lugares prestigiosos. Isso não é o racismo?

Nós desta terra negada que os mestres de acaso souberam inventar o mais ousado aglutinador, *ÁFRICA*, e quando é para nós humanos atiram o cortejo de fonemas e ecoam incomodamente *NEGROS*, porém que recebemos orgulhosamente, porque é a nossa identidade. Nós, que vocês os netos desses ousados dizem que o problema do racismo é meramente nosso; o sagrado dos nossos embondeiros nos ensina deixar o tempo seguir o seu tempo sem apressá-lo. As silhuetas energéticas dos embondeiros nos irrigam com o saber que o tempo da escuta nos traz. Portanto, escutar, e ouvir os mais velhos, os que sabem, ouvir as estórias não nos saturam. Então, paciência.

O fato de eu pedir-te a concisão não justifica toda esta explosão contra mim, Justino. Permita-me dizer-te, com todo respeito, não sou responsável pela história trágica dos meus avôs ou tataravôs, quero que entendas isto, Justino.

Pois é, isto sempre vocês brancos atiram contra qualquer um que vos convide a rever o passado que nunca passa. Se haja algo que reviva e reviverá para sempre, é o colonialismo. Porque é ele, o responsável pela nascença do racismo. Se não fosse a curiosidade dos seus avôs em desenvolver as técnicas navais para depois enfrentar o Adamastor no estrito respeito ao destino do vento e das águas do Atlântico Norte ao Sul, para depois do Índico e Pacífico não teríamos a necessidade de esfumar o nosso tempo debaixo destes embondeiros para discutir sobre o racismo. Aliás, O Loureço Cardoso não

---

<sup>4</sup> Dinheiro



desperdiçaria o seu tempo frutuoso, usando agora a vossa alegação, para estudar a branquitude acrílica e crítica. Então, siga com a narração da massa cinzenta do Cardoso derramada forçadamente nos papéis brancos para aberrar este racismo que já se tornou nojento para mim. Eu sozinho? Não. Todos os brancos como eu, acredito.

Atribua adjetivação que quiser, mas chegou a hora de metermos os dedos na ferida. Vocês brancos vão ter que engolir isto: o racismo é o vosso problema também. Desencravem-se no simplório para encarar o debate e contornar todos os seus nuances. O refúgio a rejeição da *batata quente* à vítima – negro – não vos levará aos mistérios da genuinidade, ou seja, a superioridade racial que se convencem conquistar pela nascença. Uma autêntica certidão da branquitude artificial.

Sem violência acústica nenhuma, vou ter que me servir das distribuições fraseológicas alegantes que o Cardoso faz na transcrição da sua massa cinzenta no papel, para entupir, a vossa audição, do miolo do assunto do racismo, enquanto os olhos nossos afrontam-se debaixo destes embondeiros que nos despedem decisivamente para o além.

Diga-me se quiseres que eu me rastejo na redundância, Justino. Eu já disse, podes continuar a falar do texto do Cardoso, e tu ainda patinas no mesmo lugar a falar branco, branco, branco. *nhé, né, né* como se fosses criança. Que branco? Tu não sabes que nós brancos é que criamos condições suficientes para que a Humanidade supere a sua condição natural? O mundo hoje está super bonito e fácil, devido ao trabalho do branco. Este ato genial, transparente passa-te despercebido, Justino? Os espaços longínquos estão mais encurtados que nunca; a tecnologia está mais avançada que nunca; as sociedades estão mais organizadas graças às concepções dos modelos sociais que soubemos espalhar até a mais desorganizada civilização do planeta. Oh, oh, oh, Justino, veja o computador que reténs entre as pernas cruzadas, sob o pobre solo sem pavimento, é a nossa capacidade de criar e melhorar a vida da Humanidade. Não me forjas a minguar até aos últimos feitos nosso, porque até aqui é suficiente para tu entenderes que nós brancos somos benignos e merecemos gratidão vosso. Entendes? Ok. Espero-te agora alinhar os teus fonemas ao que inicialmente fazias: resumir o texto do Lourenço Cardoso. Isso, sim, ouço com prazer. Essa ilusão vossa que vos engana e vos leva ao espírito da superioridade racial. Mas tu precisas entender e aceitar que os seus avôs usurparam e vocês continuam a usurpar os conhecimentos e as técnicas dos meus avôs e os nossos também quando, no meio das dificuldades e fome capitalista, decidiram abandonar as vossas praias para ir buscar a felicidade e as riquezas nas terras longínquas, nossas terras, atravessando oceanos e mares



largamente grandes. Porém, deixo o Lourenço Cardoso convosco, porque ele deu a resposta certa, na hora certa!

Para Cardoso (2010), a proposta do Albert Memmi que consiste em convidar os pesquisadores a estudar o opressor e o oprimido, alegrou-se nos regaços dos estudiosos da branquitude por ter sido bem recebido e aceito por estes. Da mesma maneira que os estudos da negritude não se veem desmerecidos pelos estudos da branquitude. Porém, o preenchimento dos vasos patentes na pista dos estudos das relações raciais é o epicentro que possa ser iluminado ao endireitar os olhos para a proposta da pesquisa – branquitude.

Não venhas a negar, Daniela. Pois, foi tu mesma que disse para eu voltar ao texto do Cardoso. Este professor meu disse que, vocês brancos não têm a identidade única. As vossas identidades são diversas. Quer dizer, vocês têm a mania de modelar e remodelar as vossas identidades no tempo e no espaço. Quando amanhece o dia, vocês são outras diferentes daquilo que eram ontem. Quando estão nos Estados Unidos, vocês se apresentam outros seres diferentes com o que apresentam quando estiverem na África do Sul ou no Brasil... Kkkkk. Engraçado! Afinal, vocês trocam-se de identidades como camaleão.

Não, não, não Justino. Não é bem assim. Eu tenho também, aqui, comigo, o texto. Sei que não é da tua dúvida que eu leio e entendo muito bem o português, apesar de ser uma francesa. Ora, espere. Agora eu é que vou apresentar o texto deste professor. Porque vejo que a metalinguagem literária te impura para o insulamento. Por isso, não estás a ser direto no resumo. Agora aprenderás, comigo, como resumir um texto sem fingimento que os escritores fazem para complicar algo tão simples como este.

O Cardoso (2010), começa o seu artigo demonstrando o que seria para ele, no texto, o conceito da branquitude acrítica e branquitude crítica. Na sua explicação, a branquitude crítica seria referente aos bancos que retalham o racismo publicamente. Isto é, aquele(s) que aceitam que o racismo existe e lutam contra ele. Ao passo que a branquitude acrítica é um conceito que se refere ao(s) indivíduo(s) que insistem em perpetuar o racismo no mundo. Para esta última faceta social, a superioridade branca é real e comprovada. Justino veja que eu me enquadro no primeiro grupo. Kkkk. Mas não comente nada ainda. Deixa-me terminar o resumo.

Ao falar da branquitude fala-se, segundo Cardoso (2010, p. 610) “da identidade racial branca”. Essa identidade é atrelada aos privilégios e ao poder, tanto simbólico quanto material. Ali, Cardoso dialoga implicitamente com o sociólogo contemporâneo



francês Pierre Bourdieu, o conceituador da teoria do “poder simbólico”. Retomando o fio de raciocínio do Cardoso (2010), esses poderes e privilégios simbólicos traduzem-se na condição material e dão ao branco uma vantagem em relação aos outros seres humanos. A partir daí a vertente simbólica está superada, e entra em cena o material, o real, o concreto. Seria também essa condição privilegiada que qualifica o branco a ser associado ao modelo ideal da humanidade ao ponto de acreditar ser o ponto normativo das sociedades humanas (CARDOSO, 2010).

Contudo, Cardoso (2010), tal como outros pesquisadores que se debruçaram sobre a branquitude, vê a mutabilidade da identidade racial branca consoante o lugar nacional e global. A confluência desses dois espaços atravessa as identidades raciais brancas e é ela a responsável pela especificidade histórica, social e espacial da identidade racial branca. A maleabilidade que a branquitude apresenta, lhe facilita ser mutável e característico de lugar a lugar. O autor compreende a fraqueza dos estudos brasileiros sobre branquitude em não discriminar a branquitude crítica da branquitude acrítica (CARDOSO, 2010).

O cuidado do Cardoso na abordagem deste tema tão polêmico não só no Brasil, país da origem do autor, mas também no mundo, é admirável. A complexidade do tema foi bem percebida pelo autor e essa percepção garantiu-lhe acautelá-lo nas afirmações. Ao descobrir a ironia, que como um potencial passível de minar os posicionamentos públicos nos espaços privados ou na consciência particular de cada indivíduo, decidiu limitar a branquitude crítica ao espeto e espaço público. Isto nos leva a compreender que o branco, neste caso concreto, na sociedade brasileira, pode ladrar contra o racismo publicamente, mas esse ladrar pode ser uma efervescência irônica, sem o espírito do ego do próprio sujeito. Nesta condição, a branquitude crítica não está além de uma simples aparência pública. Licença, Daniela. Isto sim, eu concordo. Este fator deve ser levado em conta. Ou o que achas tu? Espere, Justino. Eu disse para tu encarcerar o teu bico até quando eu terminar. Desculpa então. Não falo mais. Fique à vontade, Daniela, continue...

No expoente dos estudos sobre a branquitude destaca a escola *critical whiteness studies* que emergiu nos Estados Unidos e posteriormente na Inglaterra. É a escola precursora dos estudos sobre a branquitude (CARDOSO, 2010). No entanto, o foco desta escola tanto nos atuais “donos do mundo” (Estados Unidos) como nos ingleses é, segundo o autor, a branquitude crítica. Melhor dizendo, estuda o comportamento dos que mascaram ser frenéticos ao racismo, porém, não soltam mão daquele racismo mais subtil



que não ceifa a vida. Todavia, diferenciam-se dos nazistas que aprazem-se forjar o holocausto ao mundo. Este olhar do Cardoso, binocula o vazio dos estudos da branquitude acrítica nessa escola que respira no mundo anglossaxônico. O mesmo esvaziamento é verificável no mundo lusófono, disse Cardoso (2010).

Por outro lado, os dois conceitos que costuram o artigo do Cardoso em questão – branquitude crítica e acrítica –, são segundo ele, arrancados simuladamente desta escola que os falantes da “língua mais prestigiada” atualmente no mundo souberam criar no meio das labaredas carbonizadoras das vidas – conflitos raciais. A multiplicidade de branquitude e a variedade de racismo não escaparam a compreensão do Cardoso e dessa famosa escola na qual ele se inspirou.

O racismo subtil pode ser praticado em diferentes espaços, por diferentes personalidades, em diferentes instituições. Quando o Cardoso (2010) exemplifica o caso do pessoal dos Recursos Humanos em preferir o branco em detrimento do negro num dado posto de trabalho, por estar embrulhado no ventre do preconceito racial, ele nos evidencia um estilo típico da branquitude crítica. Este estilo racial eufemizado difere-se do outro mais cruel e evidente da branquitude acrítica (CARDOSO, 2010).

Ao discordar com a escola na qual inspirou, Cardoso, merece os nossos aplausos críticos, porque foi muito bem matrimonial com o nosso entender. Isto transparece quando ele disse que os desdobramentos da branquitude acrítica não devem ser confundidos com a branquitude crítica. Por isso, a definição de branquitude feita pela escola norte-americana desmerece a dose do intelecto do Cardoso. Isto é, afunda-se no desmerecimento e convencimento do cientista.

Para maior identificação do posicionamento do autor, permita-me trazer as suas letras literalmente: “Os *critical whiteness studies* analisam essas diferentes manifestações de racismos. Salientam a distinção da prática racista entre um branco que condena daquele que sustenta a tese da superioridade racial branca (Ware, 2004, pp. 7-40)” (CARDOSO, 2010, p. 613). No infinito do deslizar desta descrição da escola inspiradora dos seus conceitos, retemos: “Porém, quando vão definir a branquitude geralmente não fazem a mesma distinção, definem de forma genérica que uma das características da branquitude seria a expressão homicida” (CARDOSO, 2010, p. 613). Posto isto, Cardoso exibiu o cartão vermelho sancionador da definição e hasteou o seu entendimento que nos orgulhamos receber e aceitar. “Não posso concordar com essa generalização, pois a



característica assassina é uma particularidade da branquitude acrítica e não da branquitude crítica” (CARDOSO, 2010, p. 613).

Acredito que vocês negros também concordam com isto, Justino. Não vais responder, amigo? Este seu silêncio deixa-me triste e preocupada. Fale comigo. Não me rejeite assim. Já estou estupefata de ti ver sentado em cima destas construções fabulosas de térmitas que os guineenses dizem *baga-baga*, braços cruzados e cabeça inclinada feito alguém que está desassociado com o local onde está. Tu deves estar a pensar em nuvens e não aqui. Será que ouviste tudo que falei até agora? Sim, ouvi atentamente, Daniela. Estou eu a cumprir o que tu dizes a mim: fechar o bico e esperar até quando terminares resumir as tintas gastas nos papéis brancos pelo professor Cardoso. Não me diga que ficaste mal com a minha brincadeira ingénua? Não. Fique à vontade. Ok. Então, sigamos para *Branquitude: privilégio & diferenças*.

Se um soltar o outro pega. A diferença entre filhos dos mesmos pais não é novidade para os biólogos e geneticistas. As diversidades específicas se encontram em todos os seres, mesmo naqueles que pertencem ao mesmo grupo. Os brancos também são diversos. O mesmo consubstancia a branquitude heterogenia. Uma desaprova enquanto outra aprova a superioridade e prestígio da raça branca, dando oxigénio à branquitude crítica e branquitude acrítica. Nessa diferença, o inglês via o português atravessadamente na cauda da civilização branca. Ao passo que este último via o colonizado não europeu como um selvagem. Era uma autêntica hierarquização entre os brancos e estes com os negros e latinos americanos e asiáticos, assim por diante (CARDOSO, 2010).

Afinal, o branco pobre não se iguala ao branco rico dentro da estrutura social branca. Por isso, a branquitude é diversa. Ao mapear as múltiplas caixas constituintes das identidades humanas, isto é, “[...] as intersecções referentes ao sexo, gênero, faixa etária, nacionalidade, religiosidade, classe, etc.”, o mistério da desigualdade entre os brancos e a diversidade da branquitude nos revela aos olhos nus (CARDOSO, 2010, p. 614). Porém, a manta solidária é estendida pelo branco rico para cobrir o branco pobre. O objetivo é não soltar mão da premissa maior – o branco é superior ao negro em todas as condições – este ressentimento reativa vantagens do pobre branco à frente do pobre negro, disse o autor que isto se trata da “[...] manutenção do *status quo*, isto é, a conservação dos privilégios que o grupo branco obtém – mesmo quando na condição de pobreza – devido ao racismo estrutural” (CARDOSO, 2010). Tudo isto, resume-se no único acolhedor –



privilégio –, ou seja, para o autor, para entender a branquitude é necessário perceber os privilégios que o branco goza na sua condição do branco.

Agora Justino eu passo para a seção que o Cardoso chama de *A branquitude no Brasil e a idéia de invisibilidade racial*. Quero que me preste atenção muito bem. Veja como estou a ser sintético. É assim que se resume o preto no branco, quando for pedido fazê-lo. Então, aprenda esta técnica para livrar-se do insulamento que nunca sabes evitar ao narrar algo.

Da minha boca, que tu chamas de bico, nada sai até quando terminares, Daniela. Eu Justino sei, sim ouvir. Aliás, escutar. Por que há gente que ouve, mas não escuta nada. Essa gente, quando for perguntada o que escutou ao longo do tempo, o pânico engole a fala. Logo, nada fala. Quando tenta falar, encurva-se no equívoco. Começa a mesclar o preto e o branco, o racismo e a cor; o negro africano e o negro brasileiro ou o negro americano. Se se escapar disto, afoga-se na confusão da história dos negros a partir das praias do Atlântico ao interior da África ou das cascas ao miolo da laranja de Silva<sup>5</sup> com os negros dos outros lados da diáspora que o Gilroy<sup>6</sup> encontrou o navio negreiro como um aglutinar das suas dualidades identitárias. Essa gente não entende nada do racismo e diz logo que ele não existe. O que existe é cada um *pegar tessu*<sup>7</sup> porque as oportunidades são e estão disponíveis, de igual modo, para todos. Sinceramente, este tipo de fingimento que me arrebenta o sossego, Daniela.

Calma-se, Justino! O professor Cardoso vai nos fazer entender essa hipocrisia que alguns brancos nesta terra carregam. Por isso, ele limitou a branquitude crítica ao aspecto público, porque ele sabe muito bem que são muitos os que se diluem na ironia mascarada. Mas, enfim, deixa-me seguir com o resumo da massa cinzenta lastrada nos 24 papeis brancos.

A vibrante preocupação em construir uma identidade imaginária brasileira, que os poetas do pó-brasil já sacudiam fortemente na Literatura desta terra para irrigar a consciência do povo, de modo a germinar esta identidade, o antropólogo e *poeta matchon*<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> SILVA, Alberto da Costa. Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova fronteira; EDUF RJ, 2003.

<sup>6</sup> GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Rio de Janeiro: editora 34, 2012.

<sup>7</sup> Esforçar-se, lutar, batalhar com as suas próprias mãos e capacidade.

<sup>8</sup> Poeta forte; grande poeta; bom poeta...



Gilberto Freyre reprovou os substantivos *branquitude* e *negritude* na sua terra para não minar a unidade que a utopia da sua geração sentia fome de concretizar através da famosa *democracia racial* que era enaltecida pela adjetivação brasileira no grau superlativo absoluto sintético – *brasileiríssima* – como a forma de orgulhar a mestiçagem que forma o povo brasileiro. Foi nesta ocasião que Freyre inaugura o uso do termo *branquitude* na literatura científica brasileira (Cardoso, 2010).

Porém, segundo este professor, Freyre não efetuou os estudos da *branquitude* em 1962, apenas referiu o termo para chamar atenção ao que aparenta ser ameaçador da construção da identidade nacional. Depois dele, seguiu o Alberto Guerreiro Ramos que Cardoso nos disse que propõe o estudo da *branquitude*, cortando a fita inaugural da proposta dos estudos deste tema na literatura científica brasileira com o seu artigo desde 1957.

Porém, esta proposta do Ramos foi feita por meio do termo *brancura* que significa, de acordo com abordagem feita por ele, a *branquitude* atualmente, sem se deixar de ser também a *brancura* na concepção atual (CARDOSO, 2010). Sendo lançada a semente na terra fértil e cheio de humus, de tal maneira que os admiráveis pelas suas capacidades de adaptabilidade, miscigenação e climatabilidade, como disse Freyre<sup>9</sup>, ou seja, aqueles da terra de Dona Maria – o Brasil rico pela natureza –, germinou, posteriormente, vários estudos sobre a *branquitude* (CARDOSO, 2010).

Se um dos três porquinhos da Sociologia encontrasse a *Patologia social* no caso de alguma anomalia coercitiva do fato social ao indivíduo, falo do sociólogo francês Emile Durkheim<sup>10</sup>, o Alberto Guerreiro Ramos escavou no solo brasileiro a *Patologia social do branco* e descobriu que esse fenômeno infernal condenava o bom espírito à crueldade. A indiferença quanto aos seus semelhantes, isto é, todos aqueles que tinham a descendência negra não são bem vistos. Logo, recusar a pertença à descendência negra era a guia de se livrar da vergonha e humilhação que são pistoladas contra os que não são brancos. Porque, para o branco “patológico”, o ideal é ser branco sem ligação ao negro (CARDOSO, 2010). Que radiação de auto-suicídio é essa, Justino? Pois é, Daniela. Mas continue a resumir o texto. Ok. Vou já.

---

<sup>9</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51<sup>a</sup>-ed.rev. – São Paulo: Global, 2006.

<sup>10</sup> DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. Trad. Walter Solon. – São Paulo: EDIPRO, 2012.



Além do Ramos, outra pesquisadora que sentiu o arrepio da branquitude na consciência ao ponto de se dedicar à sua pesquisa, é a Edith Piza (2002). Inicialmente Piza foi infeliz ao enganar-se que o branco se empobrecia em não enxergar a sua branquitude. O gajo *mpelele*<sup>11</sup> perambulava na invisibilidade da sua identidade. Mas não demorou tempo para a Piza superar a sua infelicidade que talvez chamaríamos de sonâmbulo, e viu-se na reconsideração da sua observação ao corrigir que o branco tinha, de fato, a consciência da sua branquitude e não a troca por nada deste planeta (CARDOSO, 2010).

César Rossatto e Verônica Gesser (2001) visitaram a educação para binocular até que ponto o racismo se estatuiu no ensino. Ao enxergarem o mal-entendido nas escolas, defenderam o termo branquitude como forma de reforçar as lutas anti-racistas nesta área em que todos nós passamos ou devemos passar para termos uma profissão valiosa, falo da educação. Ao passo que a Maria Aparecida Bento encontrou o referente *pacto narcísico* para desmistificar o matrimônio das facetas brancas na maximização dos seus privilégios. Isto é, a união entre os brancos para defender os seus interesses que é conservar a sua branquitude. Com este intuito, o branco que se encarregue da pasta dos Recursos Humanos na prefeitura prefere contratar o seu semelhante branco para exercer uma função, quando for necessária. E o negro? Cai fora automaticamente, isto é, não atravessa a batente da porta, Justino. O Clovis Moura já se enrouqueceu em denunciar isso nos seus livros.

Mas como se diga, os que não dormem pensam além dos que dormem, a Maria foi gastar noites insônias no desfolhar do pensamento de alguns bancos nas duas prefeituras públicas, e desvendou o mistério – o branco nunca solta mão do outro branco, quando o assunto é enfrentar o negro inconformado na cauda da estrutura social, econômica e luta para ascender ao topo para se alinhar ao branco na medição dos privilégios – isto Maria discerniu no seu estudo.

Se cada um de nós descobrisse e atacasse uma ponta da pista, com certeza, brevemente, a movimentação será controlada. Depois da *Educação e o pacto narcísico*, agora são os *meios de comunicação* detectados por outra pesquisadora de branquitude, Liv Sovik (2004). Para ela, os meios de comunicação são poderosos na expansão da

---

<sup>11</sup> Termo usado na Guiné-Bissau para referir ao branco. O termo completo é “branco mpelele”. Isto é, pessoa de pele branca.

branquitude. Por isso, eles são indispensáveis de constituir *corpus* de estudo para quem queira entender a branquitude no Brasil (CARDOSO, 2010).

Numa outra poltrona deste voo polêmico não só para os tripulantes brasileiros, mas de todo mundo colonizado, – diga estudos sobre a branquitude no Brasil, Daniela, para melhor compreensão – pois é, Justino, sentou o Lúcio Oliveira. Este observou a expressão de vivência da dimensão racial de pessoas brancas e concluiu que para essas pessoas autodeclaradas brancas, a minimização dos privilégios raciais da branquitude é a preferência delas. A simplificação das tensões raciais e a redução do complexo para o não complexo é o que sabem fazer para enganar os menos atentos. Assim, para eles, a identidade racial branca não é problemática. (CARDOSO, 2010).

Justino a cochilar porquê? Acorde menino. Eu já havia avisado que não estás a escutar nada. Disseste que escutar é o que bem sabes fazer. Não dormi, Dânia. Aliás, Daniela. Pensava que estavas a dormir. Será que posso acreditar que ouviste e compreendeste tudo o que apresentei até aqui, você que está a mastigar estas letras num autêntico casamento dos articuladores linguísticos – ativos e passivos, internos e externos, sonoros e surdos, vibrantes e não vibrantes? Aliás, Justino estás a entender-me?

Sem resquício amiga. Perfeitamente, peneirei pelos ouvidos as lágrimas forjadas por essas caras de pele branca ao negarem a problemática ceifadora das vidas como o racismo, importado pela ânsia da branquitude que os próprios brancos não quiseram soltar a mão nunca. Já está entendido que apesar de estar a cochilar, conseguiste acolher todos os fonemas, morfemas, palavras, orações, frases, períodos, parágrafos, em suma, o texto que prazerosamente estou a costurar.

A viagem será agora para a parada que Cardoso denomina *A branquitude acrílica: a superioridade racial e a pureza nacional*. Pelo nome, acredito que seja uma parada interessante. Eu também. Não obstante, espero que a maior argúcia de falar disto venha de ti, Dânia, porém, sem pôr sal ao assunto para não me confundires nestes embondeiros que, por si só, são confusos pela transformação climática.

Os sociólogos brasileiros já estenderam as suas esteiras de esforço debaixo de baobás, uma forte luta na explicação da formação e funcionamento da sociedade

brasileira. Entre eles configura o sol maior: Florestan Fernandes<sup>12</sup>, Octávio Ianni<sup>13</sup>, Caio Prado Junior<sup>14</sup>, Gilberto Freyre, Guerreiro Ramos, Raimundo Faoro entre outros. Nas obras desses autores, é possível encontrar, entre outros elementos, os esforços dos brancos que repudiam o racismo publicamente. No entanto, ainda persistem aqueles que não se sossegam com o repúdio e insistem em defender a supremacia branca. São estes que se exibem e se encaixam na branquitude acrítica.

Portanto, “[...] a branquitude acrítica seria a identidade branca individual ou coletiva que argumenta em prol da superioridade racial” (CARDOSO, 2010, p. 621). São visíveis atrasados mentais que acreditam na ingenuidade, “[...] basta pensar em todos os brancos de pensamentos e/ou pertencentes a grupos de ultradireita ou, mais concretamente, nos integrantes dos grupos neonazistas, ou nos membros da Ku Klux Klan [...]” (CARDOSO, 2010, p. 621). Além destes, encontra-se ainda “[...] outros brancos que silenciosamente comungam com a ideologia da superioridade racial e não desaprovam as práticas racistas” (ibidem, p. 621). Veja Justino que esses brancos acríticos não têm a mínima ideia do racismo ou atrocidades que praticam, porque para eles não estão obscuras as sentenças máximas da superioridade racial.

Cardoso não desmerece todos os esforços feitos pelos brancos que felizmente tentaram combater o racismo, porém apontou a outra parcela que se dobra na branquitude acrítica. É louvável o ato do Cardoso em reconhecer as lutas de Karl Marx na defesa da branquitude crítica, no entanto, não se deve acreditar que todos os brancos estavam na mesma linha com o Marx. Isto o próprio Marx sabe e foi vítima dos seus opositores que se encontram na ultradireita, outra margem da branquitude. Refiro-me a branquitude acrítica (CARDOSO, 2010).

Já nos chegaram as infundadas teorias da adaptação natural e da evolução das espécies de Charles Darwin; já mastigamos a amargura nojenta dos trabalhos de Georg Wilhelm Friedrich Hegel sobre os negros; já bebemos os venenos de Pierre Paul Broca sobre a estrutura psicológica e física do negro em relação ao branco. Aliás, já fomos intoxicados com os vírus científicos racistas sem fundamentos cabíveis. Foram esses vírus

---

<sup>12</sup> FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica [5. ed.]. São Paulo: Biblioteca Azul, Globo, 2014

<sup>13</sup> IANNI, Octavio. Pensamento social no Brasil. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais; 2004. 366 p.

<sup>14</sup> PRADO JR., Caio. Formação do Brasil contemporâneo: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011



que enfeitaram e contaminaram a tão simples e insignificante diferença biológica para torná-la sustentáculo da identidade racial. Infelizmente, após estes vírus serem espalhados na ciência, a pureza racial começou a ser buscada. O nacional original e o nacional ocasional também. Daí, o branco arrebatou o signo de original, negando aos outros essa qualidade.

Isto fica patente ao vermos que “A superioridade branca se sustenta no argumento de diferença biológica que se assemelha aquele defendido pelo conde Arthur de Gobineau no século XIX”. Esse vento amortecedor do esforço de aproximar e unir as diferentes cores para colorir o mundo num só sorriso e numa só Humanidade diversa sem conflitos empoeirou as mentes e induziu-as a associar “a identidade nacional [...] à identidade racial e étnica, logo o nacional autêntico seria o branco, ilustrando essa idéia, o estadunidense autêntico seria o branco, o inglês autêntico seria o branco, o francês autêntico seria o branco” (CARDOSO, 2010, p. 620–621).

A poeira continua a propagar pelo ar, o imigrante viu-se logo integrado na linha de vítimas, assomando-se ao negro. Porque todos eles não são nacionais originais. Veja que esse imigrante pode ser também outro branco. Neste caso, o branco apanha-se ou fere-se do outro branco, porque a identidade nacional é associada à identidade racial e étnica. O afã deste novo fenómeno ultrapassa o biológico e abraça o cultural, desdobrando-se no novo conceito – neo-racismo, racismo sem raça, etnicismo racial, e racismo cultural. (CARDOSO, 2010).

Justino, que coincidência! O Cardoso nos trouxe o Paul Gilroy aqui. Eu sabia que não há como não o convidar neste debate sobre as identidades negras, principalmente dos imigrantes em transição com navio negreiro, Daniela. Veja como o Cardoso é genial? Claro que sim, vejo. Ele está de parabéns. Agora, acredito eu que ele vai resolver o equívoco para não confundirmos o racismo e a indecisão identitária dos negros na diáspora que, ora, desgastam-se na procura do inexistente – a pureza identitária negra; ora, sonambulam na alienação e transformam-se em autênticos assimilados sem valor nenhum aos olhos azuis dos que rogam ser verdadeiros donos da terra, nacionais originais.

O branco europeu destaca-se pela sua flexibilidade, pela sua capacidade de criar diferentes formas de alocar o negro no seu espaço diferente do dele. Essa maleabilidade lhe dá condições de inventar diferentes estratégias de manifestar a sua branquitude. Por isso, tem sido verificado a mutação conceitual do racismo, passando pelo racismo biológico, cultural, estrutural e assim por diante. Todas essas são estratégias de adequar



os atos no tempo e no espaço. Isto é, quando é com o iniciante, tem a sua forma; quando é com os avançados há também a sua forma adequada. Porém, sigam a trilhar e a tendência que quiserem, mas nós desvendaremos cada passo por vós dado, Daniela. Vocês brancos são assim. Sempre insônias, mas o sono todos nós evitaremos para pensar o mundo e recusar o mundo dado. Vale a pena recuperar esta observação do escritor guineense Marcelo Arratum. Isso o colonizado deve aprender e pôr na prática. Não deixar o branco pensar o mundo para ele, porque quem pensa, pensa para si e não para o outro.

Calma-se, Justino. Não é bem assim. É como agora, se não é assim, Dânia? Aliás, Daniela? Calma-se. Deixa-me terminar. Então, continue. Vou ouvir-te a ralar na defesa da vossa identidade branca já. Não estou a defender nada, amigo. Apenas estou a resumir o texto do Cardoso debaixo destes embondeiros que nós franceses chamamos *Baobab*. Acredito que os da terra do Cardoso também usam o mesmo nome que usamos para referi-los. Se não me engano, eles dizem *baobás*. Exatamente, Dânia. Eu sempre te confundo com a Dânia. Desculpa, Daniela. É assim que é correto. Sim. Está bom. Avance na narrativa ou resumo. Valeu.

Ao superar a branquitude embasada na biologia, pureza racial, estancou-se “na branquitude acrítica nacionalizante e ‘eticizante’, como por exemplo, ‘a inglesidade’ – leia-se branco inglês: único nacional autêntico” (Hall, 2005, pp. 61-65 apud CARDOSO, 2010, p. 622). Este autor explica que “Essa branquitude acrítica, quando se expressa de maneira extrema, pratica extermínios, quando age de forma mais branda, procura se inserir no jogo democrático propagando discursos racistas dissimulados de nacionalistas” (CARODOS, 2010, p. 623).

Espera aí, Daniela. Ouvi falar da inglesidade. Não foi? Sim foi. É a forma que os ingleses manifestam o nacionalismo. E não só eles, os franceses também, assim como os americanos, inclusive os poetas brasileiros também poetizaram a brasilidade. Pois é, Daniela. Nisto também, não vou voz criticar tanto. Porque nós africanos também foi esse espírito que abrandou a nossa alma e alongamos a coragem contra bombas e canhões dos teus avôs e tataravôs. Quando a pequena classe intelectual ganhou a consciência da usurpação e alienação das suas culturas e riquezas materiais e simbólicas, não hesitou em casar a produção literária com a luta armada. Foi então que na década 50 do século XX, a *Revista Mensagem* na Angola e em Moçambique cantou “*angolanidade*” e “*moçambicanidade*” respectivamente até erguer a lança de combate na consciência de



todos os filhos da terra, numa determinação do Norte ao Sul contra o colonizador que se rendeu nos anos 1975.

Na Cabo-Verde, desde 1930 a *Revista Claridade* começou a lançar blocos para vedar o território nacional onde iria nascer a “*caboverdanidade*”. O edifício nacional imaginário que demoliria o outro construído pelo colonizador denominado pela pesquisadora brasileira que conservo muito respeito na Literatura guineense, Moema Parente Augel de “*caboverdianismo*”. O mesmo ocorreu na Guiné-Bissau e em São-Tomé e Príncipe para edificar o aglutinador nacional “*guinendade*” e “*Santomensidade*” na consciência da massa com vista a unidade para a libertação nacional nas noites coloniais. Obrigado, Justino. De nada, amiga.

Agora, vamos regressar *ab initio*. Isto é, ao que inicialmente fazíamos. Resumir o texto do Cardoso. Não sei se você percebeu que já ultrapassamos a parada que eu anunciava. Estamos no outro terminal que o Cardoso atribui o nome *O conflito do branco anti-racista*. Este nosso trem não brinca. Anda na velocidade máxima, brevemente encontrar-nos-emos no fim da viagem, o destino.

Quem não se lembra das brigas teóricas conceituais entre os teóricos contratualistas: Thomas Hobbes (1651), John Locke (1689) e Jean-Jacques Rousseau (1762) na concepção do ser humano na sociedade? Afinal, esse ser vem logo egoísta ou é corrompido pelo mundo social?

Para o Cardoso, o brasileiro aprende a hierarquia racial ao nascer. Visto que “as pessoas logo ao nascerem são classificadas em diferentes níveis hierárquicos, aqueles classificados socialmente como brancos gozam naturalmente de privilégios em virtude dessa classificação”. Os privilégios integram [...] “referências positivas como: inteligência, belo, culto, civilizado, capitalista, comunista, democrático etc.” (CARDOSO, 2010, p. 623). Isto remete a legitimação da superioridade da raça desse grupo, disse o autor.

Se Rousseau advoga que ninguém nasce egoísta. O ser humano é bom pela natureza, mas a sociedade que lhe corrompe, o Cardoso (2010, p. 623) considera que “ninguém nasce racista, porém o argumento que a branquitude foi construída como lugar racial da superioridade é uma tese consensual entre distintos teóricos da branquitude”. Sendo uma construção o racismo, portanto, ele também é passível de desconstrução. No entanto, mesmo os que podem ser vistos como integrantes da branquitude crítica, demonstram-se pessimistas ao duvidarem da possibilidade de retirar a branquitude na



identidade racial branca. Daí que se encontra o conflito do branco anti-racista (CARDOSO, 2010).

Segundo Cardoso (2010, p. 623), “A teoria anti-racista que propõe a abolição da branquitude, ou seja, a abolição da raça, porque possuiria um traço racista, parece não estar convencida da possibilidade de expurgação do traço racista da identidade racial branca”. Então, Daniela, o que vale a pena? Por isso, eu já te disse, vocês brancos nunca soltam mão da branquitude. Ouça o que acabaste de apresentar agora! O branco luta contra a branquitude, mas esse mesmo branco convence-se que a branquitude é a sua riqueza. Portanto, deve continuar a usufruir dela. Espere, Justino. Nem todos os brancos são assim. Sei nada viu. Acabamos de ouvir à instante que todos os teóricos anti-racistas têm esse entendimento, ponto final.

Acredito que não. E porquê que o Cardoso afirmou isto? Ele o fez para aprovar a sua tese que postula que o racismo e a branquitude são inseparáveis. Sendo assim, qualquer tentativa de divorciar essa união essencialista que condensa a identidade racial branca não passa de uma brincadeira de mau gosto entre os desatentos.

Mais um casamento do Cardoso com outro expoente dos estudos raciais na literatura académica brasileira, Kabengele Munanga<sup>15</sup>. Ao sabermos que para o Cardoso não é preciso abolir a categoria raça para acabar com a branquitude e/ou racismo, mas sim inibir, exterminar, eliminar – a redundância, às vezes é necessária para expressar o grau da intencionalidade nosso – “a utilização da distinção que objetiva inferiorizar” (CARDOSO, 2010, p. 624).

E se questionarmos que se se estivesse na estrutura ou na cultura, o racismo, mesmo evitando a objetivação inferiorizante, o branco continua a tagarelar os privilégios. O que diria Cardoso, Daniela? Boa pergunta Justino, por isso, eu disse que o Cardoso foi muito feliz ao tirar o seu preto no branco e deixar este trabalho tão importante para a sociedade. Ouça o que podemos reter dele e que responderia a sua questão. “Estou de acordo com Albert Memmi, quando sustenta que aquele que pertence ao grupo opressor obtém vantagens em razão dessa pertença (Memmi, 1989, pp. 47) – mesmo que seja contra sua vontade” (CARDOSO, 2010, p. 624). Isto significa que o Cardoso reconhece que o problema não é apenas o branco estar contra o racismo ou deixar de ver o negro

---

<sup>15</sup> MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In MUNANGA, Kabengele (org.): Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre negro na Sociedade Brasileira). UFF (Centro de Estudos Sociais Aplicada da Faculdade de Educação n°5, 2004).



com olhos inferiorizantes é que lhe faz não desfrutar das diferenças raciais implantadas na estrutura social, econômica e cultural.

Lembrando que o Albert Memmi percebe que o branco na colônia tem tudo ao seu lado consciente ou inconscientemente. As leis são feitas por seu homólogo branco, os juízes são os mesmos brancos, as administrações são ocupadas por eles mesmos; os concursos públicos são lançados por seus irmãos brancos. Então as condições ou pré-requisitos a serem observados para a admissão são feitos pensando no branco e não no preto ou negro. A língua de teste de admissão é do branco. Observando tudo isto, conclui-se que o branco é dado tudo, mesmo sem se alinhar às práticas racistas. É isso que o Cardoso quis nos dizer ao deixar claro a sua concordância com as observações de Memmi (1989).

Face a isto, o que devem fazer os brancos críticos da branquitude, Daniela? Ou o Cardoso não falou nada sobre isso? Ele falou sim, aqui na página 624. Vou ler até onde acho respondida essa questão. “Os privilégios que resultam do pertencimento a um grupo opressor é um dos conflitos a serem enfrentados, particularmente, pelos brancos anti-racistas. Esse conflito pessoal tende a emergir no momento em que se visibiliza a identidade racial branca”. Entendeste, Justino? É isso. Para ele essa é a via que deve ser seguida por que “Desta forma, a branquitude crítica segue mais um passo em direção à reconstrução de sua identidade racial com vistas à abolição do seu traço racista, mesmo que seja involuntário, mesmo que seja enquanto grupo” (CARDOSO, 2010, p. 624).

Não esqueça que estou ainda na mesma página 624, Justino. E vou continuar ainda nesta página para demonstrar a metodologia sugerida pelo Cardoso para esses brancos. “A primeira tarefa talvez seja uma dedicação individual cotidiana e, depois, a insistência na crítica e autocrítica quanto aos privilégios do próprio grupo” (CASROSO, 2010, p. 624). Já debes ter entendido como se faz um resumo de forma criativa. É essa capacidade metalinguística que a tendência da pedagogia histórico crítico social propõe aos docentes a utilizar com intuito de estimular os seus discentes a desenvolver através das tendências metodológicas específicas: libertária e libertadora, se é que posso servir da pedagogia do oprimido que o outro expoente brasileiro injetou no sistema de ensino e aprendizagem, falo do grande Paulo Freire.

Estou a sentir-me inspirada, agora, Justino. Daqui a pouco sentirei mais negro que branco francesa. Percebo que estes embondeiros são força vital. Não é possível toda esta vontade que sinto neste momento de falar e bem falado do texto do seu professor

Lourenço Cardoso, sem se quiser uma única angústia e o desejo de desistir visitarem o meu subconsciente para provocar o cansaço e a desistência. Estas silhuetas que nos abafa e o pó da terra em que sentamos devem ser energéticos e fornecedores da sabedoria de narrar.

Que bom teres sentido isto, Daniela. Eu já havia dito no início que é isso que nos faz o que somos – deixar o tempo seguir o seu tempo sem apressá-lo. Arrancar uma fruta do pé sem que seja no seu tempo é uma depressão e desrespeito a quem dedicou o seu tempo e período necessário para o cultivar, irrigar e proteger. Isto sim, aprendemos dos mais velhos. O escritor guineense Filinto de Barros<sup>16</sup> insistiu em pedir ao personagem alienado, formado em Portugal, o António Benaf, em deixar o ritual do funeral do seu tio N'Dingui Có seguir o seu tempo até ao fim, quando este quis encurtar as etapas do cerimonial, porque já sentia perdido muito tempo calculado em dinheiro e o seu trabalho como coveiro da função pública era mais importante.

O escritor moçambicano Mia Couto<sup>17</sup> não se cansou em pedir o Marianinho em ler todas as dez cartas que o falecido avô Mariano deixava para a família mariano, enquanto o corpo do avô Mariano que estava entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos encontrava-se à espera do seu inteiro. Tudo isto, nos ensina dar o tempo o seu tempo.

O escritor angolano, Boa Ventura Cardoso<sup>18</sup> não desistiu de pedir aos viajantes a paciência dentro do trem que iniciou a viagem na região de Benguela com destino a Luanda, porém que durou 11 anos, enquanto era previsto apenas 11 dias de viagem. As paralizações verificadas no motor, os pneus que se estouraram pelo caminho, a má condição da estrada etc. forjaram a alteração do tempo. Nesse trem a vida do povo angolano, o percurso da independência, os problemas pós-independência, a modernidade e tradição, os conflitos étnico-raciais, o neocolonialismo... foram representados de A a Z sem a mínima pressa.

Então, se o Loureço Cardoso oferecer-se em apresentar-nos as problemáticas da branquitude na sociedade brasileira, por quê que devemos apressar o tempo, Daniela?

---

<sup>16</sup> BARROS, Filinto de. Kikia Matcho. 1. ed. Bissau: Fundação Camões / Centro Cultural Português da Guiné-Bissau, 1997.

<sup>17</sup> COUTO, Mia. Um rio Chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das letras, 2003

<sup>18</sup> CARDOSO, Boa Ventura. Mãe, materno mar. Porto: Campo das letras, 2001; São Paulo: Terceira Margem, 2009.



Tens a razão Justino. Não vou pedir a pressa mais. Mas permita-me concluir o resumo. Ok. Avante.

### À GUIA DE CONCLUSÃO

Na conclusão, Cardoso nos convidou a refletir à volta de duas perguntas que por si, remetem a revisão do que foi abordado ao longo do artigo. Essas perguntas são: “Qual seria o ponto principal em comum entre a branquitude acrítica e a branquitude crítica? Qual seria o aspecto fundamental de diferença entre o branco neonazista e o branco anti-racista?” (p. 625). Sem nos deixar responder, o autor colocou-se na disposição de responder que “tanto a branquitude crítica, quanto a branquitude acrítica significam lugar de privilégio racial”. Esta é a resposta que Cardoso dá à primeira questão. Depois disse “Quanto a segunda questão, a principal diferença entre o branco neonazista e o branco anti-racista talvez seja a censura do segundo em obter quaisquer privilégios raciais, enquanto a branquitude acrítica reivindica sua condição humana especial por causa de sua pertença étnica e racial” (CARDOSO, 2010, p. 625).

Para mim, eu Daniela, essas perguntas não merecem mais comentários. Não se deve abusar também no esclarecimento né! Justino. Pois é. O Cardoso já respondeu suficientemente. Porém, o que me deixa ultimamente chocado, Daniela, é esse grupo medonho *paca ramba* que se autodeclara *White Power* que se enfileirou na estupidez de propor a *SEMANA DO TIRO AO PRETO*, nas escolas, no ano 1993. Triste estou ainda ao saber que alguns negros também se caravanam<sup>19</sup> com esses vampiros atrevidos para atacar os homossexuais. Mas deu vontade de rir os nomes *carecas do Brasil*, *carecas do ABC*, *carecas de cristo*. Não achas engraçado, esses nomes Daniela? Acredito que sim, são engraçados os nomes, mas os seus atos são terríveis. Claro. Por isso, não nos devemos descuidar nos nomes para perdermos a essência do perigo que representam.

Portanto, Justino, a nossa diversão de hoje acaba por aqui. Já é tarde demais. Passamos muito tempo debaixo destes baobás a viajar nas letras do teu professor. Agora que terminamos o texto, vamos para casa. Se tiver a outra estória no outro dia podes me convidar para voltarmos a nos encontrar neste mesmo local e mastigar letra a letra neste modelo que os professores chamam do resumo. Mas nós. Eu Daniela e tu Justino,

---

<sup>19</sup> Encaminham

chamamos de *djumbai criativo*. Usando a linguagem dos acadêmicos diríamos diversão criativa. Obrigado Daniela. Aceite meus agradecimentos e um abraço. Até já.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Filinto de. Kikia Matcho. 1. ed. Bissau: Fundação Camões / Centro Cultural Português da Guiné-Bissau, 1997.

CARDOSO, Boa Ventura. Mãe, materno mar. Porto: Campo das letras, 2001; São Paulo: *Terceira Margem*, 2009.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista? *Rev.latinoam.cienc.soc.niñez*, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010. Disponível em: <<http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>> . Acesso em: 22 jul. 2022.

COUTO, Mia. Um rio Chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: *Companhia das letras*, 2003

DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. Trad. Walter Solon. – São Paulo: *EDIPRO*, 2012.

FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica [5. ed.]. São Paulo: *Biblioteca Azul*, Globo, 2014

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª-ed.rev. – São Paulo: *Global*, 2006.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Rio de Janeiro: *editora 34*, 2012.

IANNI, Octavio. Pensamento social no Brasil. São Paulo: *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*; 2004. 366 p.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In MUNANGA, Kabengele (org.): *Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre negro na Sociedade Brasileira)*. UFF (Centro de Estudos Sociais Aplicada da Faculdade de Educação n°5, 2004).

NORBERT, Elias. Introdução à Sociologia. Lisboa: *Edições 70 LDA*, 2008.

PRADO JR., Caio. Formação do Brasil contemporâneo: colônia. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2011.

SILVA, Alberto da Costa. Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: *Nova fronteira; EDUFRJ*, 2003.

*Recebido em: 20/06/2022*

*Aprovado em: 22/07/2022*